



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A PRODUÇÃO FÍLMICA E A HISTÓRIA DA ARTE: RELAÇÕES
POSSÍVEIS PARA O ENSINO E A PESQUISA HISTÓRICA**

Vera Rozane Araújo Aguiar Filha*

MARIA ANTONIETA ENTRE A HISTÓRIA E A HISTÓRIA DA ARTE

Embalado por *Natural's not in it*, da banda inglesa Gang of Four¹, o filme *Maria Antonieta*, de Sofia Coppola, lançado em 2006, é um grande encontro de temporalidades. Para um desavisado, ao ouvir apenas a música de abertura, irá remeter instantaneamente à obra alguns aspectos ligados à juventude, à diversão e, em linhas gerais, à contemporaneidade. Porém, o tempo retratado no filme se encontra bem distante desse

* Graduada em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa História e Documento: Reflexões sobre fontes históricas – GEPHD, cadastrado na plataforma do CNPq. Atualmente é discente do curso de História da Arte pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA-UFRJ).

¹ Com formação original datada do ano de 1977, a banda inglesa - precisamente da cidade de Leeds - é marcada pelo *pós-punk*, corrente posterior ao apogeu do *punk rock* na segunda metade dos 1970. O *pós-punk*, mais tarde, foi o responsável pelas raízes do chamado *rock alternativo*. A banda está situada na segunda geração inglesa do *pós-punk*, principalmente a partir de seu álbum *Entertainment!*, lançado em setembro de 1979. É nesse disco que encontramos a abertura do filme *Maria Antonieta* (2006). Outro elemento importante é que a banda chegou ao fim ainda em meados dos anos de 1980, porém, nos anos 2000 houve uma enorme efusão de bandas influenciadas pelo estilo *pós-punk* - como, por exemplo: os estadunidenses The Rapture e Radio 4 (1998); e os escoceses Franz Ferdinand (2002) - e Gang of Four lançou uma regravação de seus maiores sucessos, com título de *Return the Gift* (2005). *Natural's not in it* é a faixa número 03 do disco.

primeiro elemento elucidativo que é a trilha sonora. Sofia Coppola² deu à caricata e trágica história da arquiduchessa austríaca um tom mais humano.

Em linhas gerais, o enredo do filme trata da vida de Maria Antonieta (atuação de Kristen Dunst), princesa no Império Austríaco que, ainda na adolescência, na segunda metade do século XVIII, mudou-se para a França a fim de selar relações diplomáticas por meio do casamento com Luís XVI (atuação de Jason Schwartzman), então herdeiro do trono francês. Porém, ao chegar à França, se deparou com uma forma de vida completamente distinta da que estava acostumada, cuja série de regras de convívio e comportamento moldava cada movimento dos membros da dita *sociedade de corte* (ELIAS, 2001). O que não se esperava era que a jovem duquesa acharia tudo aquilo uma enorme estupidez, fazendo de tudo para subverter aquela ordem imposta, na qual ela não conseguia se encontrar. Não é à toa que a própria música de abertura traz essa mensagem, sendo esse um meio para perceber a possibilidade de diálogos com o nosso tempo ou até o da própria música (década de 1980), devido à atualidade da questão entre o “ser ou não ser” e o “querer ou não querer ser”³.

Desse modo, ao debruçar-se sobre o filme, vê-se quão vivas são as discussões que o perpassam, entre os vários passados que se cruzam. Elementos históricos como a arte, a moda e os costumes são explorados de maneira alegórica e didática, trazendo para perto do espectador tais questões. Assim, este trabalho tem como objetivo central perceber a produção fílmica como fonte indispensável para o ensino de história e ao ofício

² Cineasta e roteirista estadunidense, Sofia nasceu em 1971 e é filha do famoso cineasta Francis Ford Coppola. Já trabalhou como atriz, porém sua carreira se deu efetivamente atrás das câmeras.

³ Segue o refrão:

Coercion of the senses/ Coerção (privação) dos sentidos/

We are not so gullible/ Nós não somos tão ingênuos/

Our great expectations/ Nossa grande expectativa/

A future for the good/ Um futuro para o bem/

Fornication makes you happy/ Fornicação faz feliz/

No escape from society/ Sem poder escapar da sociedade/

Natural is not in it/ Natural (simplicidade) não há nela

Your relations are of Power/ Suas relações são de poder/

We all have good intentions/ Nós todos temos boas intenções/

But all with strings attached/ Mas todos com cordas bem amarrados/

do historiador, pois é a partir dessa interface entre os tempos históricos (seja o retratado, seja o da produção ou o da análise) que se consegue ver um determinado universo imagético de representação intimamente ancorado a discursos do e sobre os tempos. Usando o filme *Maria Antonieta* como mote para a discussão, elementos constituintes das disciplinas de História e História da Arte serão elucidados, percebendo a forma como dialogam dentro da obra de Sofia Coppola e como podem ser trabalhados dentro e fora da sala de aula.

Aqui, o principal argumento é de que o filme também deve ser visto como uma fonte para os estudos históricos; porém, este deve ser desnaturalizado, a fim de que os aspectos da interdisciplinaridade e do trabalho do historiador sejam postos em debate, tanto no meio escolar quanto no acadêmico⁴.

DA CORTE PARA A SALA DE AULA: A HISTÓRIA E A HISTÓRIA DA ARTE NO ENSINO ESCOLAR

Um dos maiores desafios ao se tratar as fontes históricas é perceber as diversas camadas de tempo que as envolveram e ainda irão envolver. Passado, presente e futuro entram em diálogo a todo o momento a partir do trabalho do historiador. Vê-se em Reinhart Koselleck que a escrita da história é um movimento constante entre o *espaço de experiência* e o *horizonte de expectativa*, pois entrelaça o passado e o futuro. Esse deslocamento remete à temporalidade do homem e, de certa forma, à temporalidade da história (KOSELLECK, 2006: 308-309). Tal ideia é fundamental para o desenrolar da abordagem aqui proposta, na medida em que num mesmo objeto, no caso, a produção fílmica, encontramos um leque de possibilidades para avançar no âmbito da pesquisa histórica e no ensino de história.

Deve-se debruçar sobre o efeito de realidade que uma obra do gênero histórico causa nos espectadores, principalmente aqueles que não conhecem o aparato metodológico do fazer histórico. No filme aqui analisado, a entrada para este ponto é múltiplo, pois a própria Sofia Coppola construiu sua narrativa imagética cheia de nuances e referências ao presente, ou mesmo a um passado que não o da personagem principal.

⁴ Este trabalho é fruto das atividades realizadas em grupo, propostas pela disciplina de Oficina de Ensino de História Geral II, ministrada pelo professor Ms. Pedro Airton Queiroz, docente do curso de História da Universidade Federal do Ceará (UFC). A disciplina é oferecida à modalidade Licenciatura e foi cursada no período de 2014.1.

Vimos, anteriormente, o exemplo da trilha sonora que, grosso modo, está vinculado a um momento específico da história da música em seu cenário mundial: o *punk rock* dos anos de 1980. As máximas da crítica à sociedade e subversão da ordem vigente eram os ideais a serem perseguidos pela juventude que clamava por liberdade em seus diversos âmbitos, aspecto que perpassa a experiência de Maria Antonieta, a todo o momento questionando os porquês de todo aquele enquadramento.

Outro elemento importante para perceber os diálogos com o presente, já existentes no próprio filme, é uma passagem de cena que Maria Antonieta vive intensamente, ao seu modo, a vida na corte. Cheia de doces, cores e roupas, a rainha se diverte com toda aquela ostentação. Numa determinada sequência de cenas, ao som de *I Want Candy*, da banda britânica Bow Wow Wow⁵, ao fundo - enquanto Antonieta experimenta seus extravagantes sapatos - aparece um par do mundialmente conhecido *All Star*⁶. Ao longo do século XX, a construção de significados em torno desse modelo de tênis se deu de maneira abrangente, trazendo, até hoje, o emblema de uma ideia de juventude para todos aqueles que o usam, independente da faixa etária. Em mais de 100 anos de história, a marca *Converse* emplacou milhões de dólares, envolvendo consumidores de todas as partes do globo, disseminando, assim, a filosofia do “forever young”. A imprensa e o mundo artístico são peças fundamentais para que os discursos sobre diversos produtos sejam disseminados. Um momento de efusão para o uso do *All Star* foram as décadas de 1970 e 80, em diálogo direto com boa parte da trilha sonora do filme⁷. Pode-se perceber que, em diferentes gerações, cada uma com seus ideais

⁵ Assim como Gangs of Four, Bow Wow Wow iniciou sua carreira em 1980, atuando até 1983. Retomou as atividades nos anos de 1997 e 98 e de novo entre 2003 e 2006, na mesma época da estreia de *Maria Antonieta*.

⁶ Produto da marca *Converse*, fundada por Marquis Mills Converse, nos Estados Unidos, na primeira década dos 1900. Tornou-se o primeiro calçado específico para os atletas que praticavam o basquete e, após receber o apadrinhamento do famoso jogador Chuck Taylor, o produto estourou em âmbito mundial. Disponível em: <http://www.converseallstar.com.br/sobre/a-marca>. [Visualizado em 25 de novembro de 2014].

⁷ Pode-se salientar também que, na década 1980, houve um retorno à cultura do *pop-art*, o chamado, *neopop*. Sobre o legado do *pop-art*, ver: (WALKER, 1975). Essa corrente artística vem de um grupo de artistas que surgiram em Nova York, como reação ao minimalismo e a arte conceitual; Jeff Koon's é um dos maiores ícones. Segundo a historiadora da arte Amy Dempsey, “o pop denuncia o mito da originalidade criativa e reflete sobre a ascensão da música pop, da arte pop, da estrela pop e do artista como estrela pop” (DEMPSEY, 2010: 282). Em *Maria Antonieta*, temos muitas referências à cultura pop, seja nas cores ou nos próprios recortes de cenas cheio de elementos figurativos. Outra referência que pode ser trabalhada, dialogando com aspectos já apontados neste trabalho, é a obra do artista Arman intitulada *Crowded Finale* (1991). Inserido na corrente do *new realism*, o artista acumula diversos pares de *all star*, numa caixa de alumínio com tampa de acrílico. Muitas das discussões propostas pela arte contemporânea têm como fio condutor a questão do consumo e do esvaziamento dos sujeitos e objetos. A partir da imagem do *all star*, podemos remeter a diversos aspectos da cultura de uma determinada

específicos – muito através da mídia e da propaganda -, as temporalidades conseguem sim se comunicar ao longo da história através de elementos componentes de sua cultura.

A grande aproximação entre a época retratada no filme e outros elementos representativos, referentes a tempos diversos, faz-se visível ao longo da narrativa. Porém, a diretora, mesmo com todas as “distorções” temporais, realizou um trabalho de pesquisa minucioso, tanto sobre a vida da princesa austríaca, quanto acerca da sociabilidade da corte francesa no século XVIII. Coppola baseou-se, principalmente, no trabalho da biógrafa australiana Antonia Fraser e da historiadora francesa Evelyne Lever; porém, não deixou o trabalho com os documentos de lado.

Historiograficamente, de acordo com a pesquisa realizada até o momento, pode-se mencionar a existência de uma primeira publicação de caráter biográfico sobre Maria Antonieta escrita pelo historiador anglo-francês Hilaire Belloc (1870-1953) datada de 1909⁸. Dividido em 20 capítulos e 6 apêndices, também, possui um enorme acervo imagético, cerca de mais de 30 ilustrações do período, como obras de arte, retratos, documentos, entre outras fontes. Tem-se também a tradicional obra do austríaco Stefan Zweig (1881-1942), com título original *Marie Antoinette: The Portrait of an Average Woman*, publicada nos Estados Unidos em 1933⁹; com edição brasileira do ano de 2013¹⁰. Outro nome, já citado anteriormente, é o de Evelyne Lever. A historiadora publicou, ao longo de 15 anos, vários trabalhos sobre a personagem, como por exemplo, as emblemáticas obras *Marie-Antoinette Correspondance* (1770-1793), publicado em 2005¹¹ e *C'était Marie-Antoinette*¹² do ano seguinte.

época e espaço, seja no âmbito da música, na arte, ou até mesmo, nas próprias referências da atualidade, sendo este, um elemento simbólico frutífero para o diálogo entre professores e alunos. Essas observações são relevantes na medida em que é visto um grande diálogo entre temporalidades na obra de Coppola e o enlace da história com diversas artes (música, artes plásticas, literatura, por exemplo), aspectos que fundamentam esta discussão.

⁸ BELLOC, Hilaire. *Marie Antoinette*. New York: Doubleday, Page & Company, 1909. Obra digitalizada pelo Internet Archive em 2007. Disponível para download em: <http://www.ebooksread.com/authors-eng/h-belloc/marie-antoinette-hci.shtml>. [Acesso em 24 de novembro de 2014].

⁹ Informações retiradas a partir da leitura do fragmento da dissertação *Manipulating Maria: Maria Antoinette's image from betrothal to beheading and beyond*, de Mylynka D'Ann Kilgore-Mueller. Defendida em maio de 2008, na Universidade do Texas. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=xKAiY AoDqgC&printsec=frontcover&hl=ptBR#v=onepage&q&f=false>. [Visualizado em 25 de novembro de 2014].

¹⁰ Ver: ZWEIG, Stefan. *Maria Antonieta: Retrato de uma mulher comum*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

¹¹ LEVER, Evelyne. *Marie-Antoinette Correspondance (1770-1793)*. Paris: Éditions Tallandier, 2005.

¹² Também podemos citar as obras: *Marie-Antoinette* (1991); *L'Affaire du collier* (2004); *Les dernières noces de la Monarchie* (2005). Todos os títulos estão publicados pela Editora francesa Fayard.

Já o trabalho de Antonia Fraser (1932) intitulado *Marie Antoinette: The Journey* (2002)¹³ foi o livro que inspirou o filme de Sofia Coppola, cujos direitos autorais foram comprados pela própria diretora a fim de adapta-lo para o cinema. A obra de Fraser traz um novo olhar para trajetória de Maria Antonieta, como nos diz Kilgore:

“This extensive biography covers every aspect of the queen’s life from birth to death and beyond. Fraser’s work is well researched and use a large variety of both primary and second source materials. The work portrays Marie Antoinette in a sympathetic lights and reads like a good novel.” (KILGORE-MUELLER, 2008:14).

Assim, pode-se entender que, a partir da análise do filme, a grande proposta de Coppola é trazer a vida, o cotidiano e a sensibilidade de Maria Antonieta de maneira leve e, eventualmente, divertida, não excluindo toda a complexidade daquela tal realidade. Essa máxima é encontrada em algumas fontes que foram utilizadas, como cartas enviadas a sua mãe, inclusive, alguns dos diálogos são inspirados nesses materiais, entendendo a carta como um momento de *escrita de si* (2004).

Vê-se que alguns dos elementos aqui elencados como sinais para a percepção da construção de imagens sobre um determinado tempo são de fácil apreensão, aspecto fundamental quando se fala em ensino de história, principalmente em nível escolar. Além da discussão sobre o tempo, temos o aspecto da interdisciplinaridade, máxima que está disposta nos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), que contemplam as duas grandes áreas exploradas neste trabalho: Artes e História - do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. A partir da leitura dos parâmetros referentes ao Ensino Fundamental, fica clara a construção da relação entre as duas disciplinas, embora a área Arte não seja destinada somente às Artes Visuais ou Plásticas - em seu sentido teórico -, havendo um cuidado em colocá-la em comunicação com as outras áreas das Ciências Humanas, enquadrando-a como um fenômeno, acima de tudo, social e cultural. Do capítulo destinado às orientações didáticas para o ensino de arte, sobre o item História da Arte, destaco:

“O professor precisa conhecer a História da Arte para poder escolher o que ensinar, com o objetivo de que os alunos compreendam que os trabalhos de arte não existem isoladamente, mas relacionam-se com as

Informações retiradas de: <http://www.fayard.fr/meme-auteur/97450/107863>. [Visualizado em 27 de novembro de 2014].

¹³ Ver: edição com tradução para o português de Portugal. FRASER, Antonia. *Maria Antonieta: a viagem*. Alfragide: Editora Leya, 2009.

idéias e tendências de uma determinada época e localidade. A apreensão da arte se dá como fenômeno imerso na cultura, que se desvela nas conexões e interações existentes entre o local, o nacional e o internacional.” (BRASIL, 1997:69; 1998:98).

Já no tópico *Arte e temas transversais*, há sugestões de cruzamentos dos saberes promovidos dentro do âmbito da disciplina e as demais formas de conhecimento; no caso das artes, vê-se o seguinte trecho:

“Muitos trabalhos de arte expressam questões humanas fundamentais: falam de problemas sociais e políticos, de relações humanas, de sonhos, medos, perguntas e inquietações de artistas, documentam fatos históricos, manifestações culturais particulares e assim por diante. Neste sentido, podem contribuir para uma reflexão sobre temas como os que são enunciados transversalmente, propiciando uma aprendizagem alicerçada pelo testemunho vivo de seres humanos que transformaram tais questões em produtos de arte.” (Idem, 1997:72).

No que tange ao Ensino Médio, a disposição das disciplinas se dá de maneira distinta; porém, História e Artes também aparecem como fundamentais. A arte aparece tanto no primeiro grande grupo chamado Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, como também em sua relação com as Ciências Humanas e suas Tecnologias, que abarca as disciplinas de História, Geografia, Sociologia, Antropologia, Política e Filosofia. É importante salientar que, dentro dos PCN's, existe um grande esforço de harmonizar a formação dos estudantes ao longo de toda trajetória escolar, sendo o Ensino Médio um grande laboratório para experimentação de toda a bagagem adquirida em quase uma década de formação.

A partir da leitura dos parâmetros para Ciência Humanas e suas Tecnologias no Ensino Médio, ao tratar dos conhecimentos de história, lê-se o tópico: *Por que ensinar história* e encontramos o seguinte argumento:

“A História, enquanto disciplina escolar, ao se integrar à área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, possibilita ampliar estudos sobre as problemáticas contemporâneas, situando-as nas diversas temporalidades, servindo como arcabouço para a reflexão sobre possibilidades e/ou necessidades de mudanças e/ou continuidades.

A integração da História com as demais disciplinas que compõem as denominadas Ciências Humanas permite sedimentar e aprofundar temas estudados no Ensino Fundamental, redimensionando aspectos da vida em sociedade e o papel do indivíduo nas transformações do processo histórico, completando a compreensão das relações entre a liberdade (ação do indivíduo que é sujeito da história) e a necessidade (ações determinadas pela sociedade, que é produto de uma história).” (Idem, 2000: 20).

Tal enunciado é de fundamental importância para a proposta deste trabalho, pois se percebe como as disciplinas de história e história da arte se comunicam; revelando, assim, a interface entre os tempos históricos e sua constante operação com o presente. Vê-se também que, a partir da ampliação dos meios para se atingir a história, no caso, as produções fílmicas, tem-se a articulação entre ofício do historiador e o ensino de história, na medida em que se torna possível a transposição de todo um aparato metodológico desenvolvido dentro do âmbito acadêmico e que, por muitas vezes, não chega à comunidade de modo geral, se limitando, apenas, aos muros da universidade. Portanto, a interdisciplinaridade¹⁴ é fator indispensável e frutífero, não só para o ensino de história, mas para qualquer outra ciência e saber.

Nesse sentido, serão eleitos alguns momentos de *Maria Antonieta* para que se possam propor questões sobre a história e a história da arte e por quais meios podem ser debatidas dentro da sala de aula, tendo como fio condutor da discussão as imagens do próprio filme. Não podemos perder de vista que o diálogo entre as duas disciplinas é constante, porém, alguns aspectos acabam por contemplar mais uma ou outra. Por exemplo, grande parte das cenas ocorre dentro do Palácio de Versalhes, que foi reconstituído em forma cenográfica, muito embora, algumas delas tenham sido feitas na própria França, nos jardins do palácio, houve uma grande pesquisa por trás para remontar muitos dos cenários da época.

Grosso modo, ao estudar a arte francesa no século XVIII, tem-se um movimento artístico mundialmente conhecido, o denominado *rococó*. Segundo German Bazin, a palavra “*rococó*”, era muito usada nas mercenarias francesas da segunda metade do século XVIII para designar as formas sinuosas e ornamentadas do mobiliário Luís XV (BAZIN, 2010: VII) e permaneceu associada à arte setecentista. No capítulo destinado à França no século XVIII, o historiador da arte francês relaciona o desenvolvimento da arte

¹⁴ Encontramos, ao longo da leitura dos Parâmetros Nacionais Curriculares do Ensino Médio (PCNEM), diversos enunciados a respeito da interdisciplinaridade. No caso da disciplina de História, traz-se o seguinte fragmento, que ilustra bem a discussão proposta no presente trabalho:

“Na transposição do conhecimento histórico para o nível médio, é de fundamental importância o desenvolvimento de competências ligadas à leitura, análise, contextualização e interpretação das diversas fontes e testemunhos das épocas passadas – e também do presente. Nesse exercício, deve-se levar em conta os diferentes agentes sociais envolvidos na produção dos testemunhos, as motivações explícitas ou implícitas nessa produção e a especificidade das diferentes linguagens e suportes através dos quais se expressam. Abre-se aí um campo fértil às relações interdisciplinares, articulando os conhecimentos de História com aqueles referentes à Língua Portuguesa, à Literatura, à Música e a todas as Artes, em geral.” (Idem, *Ibidem*: 22).

nesse período com a conjuntura política daquela sociedade. Conta que, após a morte de Luís XIV, a corte de Versalhes foi destituída, retomando anos depois com seu herdeiro, Luís XV. Já sobre o casal protagonista do filme, Bazin chama atenção: *Interessado apenas em caça e serralheria, Luís XVI revelou-se totalmente indiferente às artes, e a rainha Antonieta gostava sobretudo de moda, mas também apreciava mobiliário* (Idem, Ibidem: 180).

São enunciadas três principais fases do estilo setecentista francês que se deram a partir dos períodos políticos, pós-morte de Luís XIV, Bazin os caracteriza:

“O estilo Regência, que procedeu à transição do século XVIII, estendeu-se de 1705 a cerca de 1730. O estilo Luís XIV [XV] floresceu entre 1735 e 1750. Mas o estilo Luís XVI começou por volta de 1760 – quer dizer, muito antes de esse monarca subir ao trono.” (Idem, Ibidem: 180-181).

As cenas no interior do palácio são interessantes para tratar alguns aspectos da arquitetura do estilo rococó e suas ornamentações. O excesso das formas circulares sobrepostas e um grande estímulo ao uso do dourado com fundos brancos e de tons pastéis das cores como o azul, o rosa e o amarelo, também são visíveis - seja nas construções ou no próprio vestuário. Ao que se refere a outras expressões artísticas, tem-se um grande enfoque nas produções pictóricas, tanto em cenas que remetem a muitos dos cenários representados em pinturas da época, como piqueniques em exuberantes jardins, cenas de caça e, sobretudo, a arte retratista.

Sobre isso, vê-se um trecho emblemático em que Maria Antonieta posa com suas duas filhas para uma artista. German Bazin destaca a atuação de Madame Vigée-Lebrun (1755-1842) a qual teve o trabalho muito prestigiado por Maria Antonieta. Esta artista foi responsável por diversas pinturas da rainha da corte francesa. Após essa cena, há um corte que lança o espectador para um local onde só existe uma enorme obra de arte – imitação de uma obra pintada por Lebrun, em 1783, sendo essa uma das imagens mais conhecidas de Antonieta. Porém, o filme trouxe o rosto da própria atriz Kristen Dunst retratado. Outro elemento fundamental é o aparecimento de uma tarja sobre a pintura, com as seguintes frases: *Beware of deficit* (cuidado com o déficit), *queen of debt!* (rainha da dívida). Esses enunciados estão completamente imbricados com os gastos exacerbados de Antonieta e da corte francesa, um dos motivos de maior crítica à postura da rainha naquela época e que levou a família a falência. O filme, além de fazer diversas conexões com a história da França, do Absolutismo francês e das questões hierárquicas, também apostou em

explorar a vertente cultural, tendo as práticas, os hábitos e a sensibilidades da dita *sociedade de corte* como ponto central¹⁵. Entretanto, deve-se salientar a existência do aspecto simbólico, tanto no âmbito da cultura como na política; sendo esse, mais um elemento elucidativo entre história e arte.

Finalmente, no que tange as produções pictóricas, além de servirem para ornamentação dos palácios, com retratos de família, individuais, coletivas, paisagens naturais, entre outros, também serviam para a construção da imagem dos reis e nobres. Perter Burke em seu livro *A Fabricação do Rei* (1994) traz a noção de marketing político. Luís XIV, o conhecido “Rei Sol”, foi um dos pioneiros dessa máxima, onde a propaganda de sua própria imagem era uma forma de manutenção de poder e prestígio.

“O resultado é um Luis XIV envolto por biógrafos, artistas, artesãos, alfaiates, escultores, cientistas, poetas, escritores e historiadores; todos unidos em torno de um só propósito: fazer do rei um exemplo, um símbolo público da glória; uma representação fiel de Deus na terra.” (SCHWARCZ, 2000: 02).

A “CORTE” VAI À ESCOLA E A ESCOLA VAI À “CORTE”: O DESAFIO DO DIÁLOGO ENTRE ENSINO BÁSICO E SUPERIOR

Em *Maria Antonieta*, vê-se um universo imagético bastante complexo em que os tempos históricos conversam, propiciando ao historiador/professor uma ferramenta frutífera para o ensino e a pesquisa, tanto no âmbito da história como no da história da arte. O olhar para novas fontes e a abertura para outros tipos de abordagens dos conteúdos históricos tem se fortalecido há algumas décadas no domínio de Clio. A coleção *Faire l'histoire* (1972) organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora é um marco na historiografia do final do século XX, debruçando-se em temas, objetos e perspectivas não muito explorados, como por exemplo, história do clima, da leitura, do livro, do corpo, da ciência e do inconsciente.

A partir dessas renovações no campo historiográfico, têm-se diversos resultados positivos e muitos avanços dentro de determinadas áreas de estudo. A história cultural ganha cada vez mais espaço em âmbito internacional e, principalmente, no nacional. Os diálogos entre as disciplinas que compõem o leque das ciências humanas são cada vez mais efetivos, tanto dentro do ensino básico e médio, apontado nos próprios Parâmetros

¹⁵ Ver: *A Sociedade de Corte* (2001) e *O Processo Civilizador* (1994) de Norbert Elias.

Curriculares Nacionais, quanto no nível superior. Porém, as barreiras entre a academia e a escola ainda estão muito sólidas e difíceis de transpor, devendo avançar no sentido de aproximar o conhecimento produzido na academia com aquele direcionado aos indivíduos em formação no nível escolar.

A proposta apresentada neste trabalho vem dialogando com algumas dessas questões, que abarcam desde a formação acadêmica dos professores, tanto de arte como de história, até o que se refere à pesquisa histórica e o trato do historiador com as fontes. Aqui, vê-se um filme - que, por muitas vezes é colocado apenas como entretenimento, ou pior, como representação de uma dita realidade - como uma fonte fundamental para os estudos sobre história e, principalmente, estudos sobre o tempo. As produções fílmicas devem ser analisadas e problematizadas como quaisquer outras fontes, devendo ser desnaturalizadas. O desafio constante de pôr em diálogo as muitas formas de conhecimento da e sobre a sociedade, seja no passado ou no presente, é uma pauta fundamental na agenda de discussões daqueles que se dedicam ao ensino no nível básico, devendo ter-se em mente tanto a possibilidade do conhecimento acadêmico chegar à escola, como os saberes produzidos fora das universidades penetrarem na formação dos atuais e futuros historiadores. Mais do que nunca, é importante que a “corte” vá à escola, e que a escola vá à “corte”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. [1ª a 4ª séries] **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

_____. [5º a 8º séries] **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 116p.

_____. [1ª a 4ª séries] **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 166p.

_____. [5º a 8º séries] **Parâmetros Curriculares Nacionais: história**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 108p.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio: Parte IV. Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000. 75p.

COPPOLA, Sofia. **Marie Antoinette** (Original). Título em português: Maria Antonieta. Sofia Coppola e Ross Katz [Longa Metragem] Estados Unidos, 2006. 123 min.

VIGÉE-LE BRUN, Marie Louise Élisabeth. **Marie Antoinette dit à la Rose**, 1783. Óleo sobre tela. 130 cm x 87 cm. Palácio de Versalhes, Paris.

Bibliografia

ALVES, Luiz Araújo Neto. **O Ensino de História Moderna em nível superior: temas, problemas e métodos**. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em História, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013.

BAZIN, German. **Barroco e Rococó**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

DEMPSEY, Amy. **Estilos, escolas e movimentos**: enciclopédia da arte moderna. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **O Processo Civilizador**: Uma história dos costumes. Volume 01. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **O Processo Civilizador**: Volume 02. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GOFF, Jacques Le e NORA, Pierre. **Faire l'histoire**. 3 volumée. Paris: Gallimard, 1972.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contratempo: Ed. PUC-Rio, 2006.

KILGORE-MUELLER, Mylynka D'Ann. **Manipulating Maria: Maria Antoinette's image from betrothal to beheading and beyond**. Presented to the Faculty of the Graduate School of the University of Texas at Arlington in Partial Fulfillment of the Requerenments for the Degree of Mater of Arts in History. May, 2008.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. Peter Burke. A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luis XIV. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994, 254 pp. In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2000, V. 43 nº 1. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27096/28868>. [Visualizado em 28 de novembro de 2014].

WALKER, John A. **Art Since Pop**: 64 pages im colour. London: Thames and Hudson, 1975.